

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT08.016

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: QUAIS SABERES EMERGEM DOS DISCURSOS DE PROFESSORES ALFABETIZADORES?

José Paulo Alexandre de Barros Júnior¹
Thiago da Silva Sales²

RESUMO

Este artigo investiga os saberes que emergem nos discursos de professores alfabetizadores sobre os conceitos de alfabetização e letramento, com ênfase nas práticas pedagógicas adotadas em sala de aula. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-interpretativo, foi realizada com três professores de uma escola pública localizada no município de Condado, Pernambuco. A partir de entrevistas semiestruturadas, foram analisadas as concepções dos docentes sobre alfabetização e letramento, bem como a forma como essas compreensões se refletem em suas práticas pedagógicas. Os resultados evidenciam que, enquanto alguns professores apresentam uma visão ampliada e integrada dos dois processos, outros ainda os tratam como equivalentes, com concepções mais restritas. O estudo também ressalta a relevância dos saberes da experiência docente, que, ao articularem teoria e prática, possibilitam a construção de estratégias mais significativas para o desenvolvimento do letramento crítico e reflexivo. A análise aponta para a necessidade de

- 1 Doutorando em Letras – Literatura, teoria e crítica, na linha de pesquisa em Leituras Literárias pela Universidade Federal – UFPB. Professor da Rede Estadual de Ensino do estado de Pernambuco, josepauloj08@gmail.com;
- 2 Professor da Rede Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco. Mestre em Computação, Comunicação e Artes da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, thiagosales@emo.ufpb.br;

superar uma abordagem meramente técnica da alfabetização, destacando a importância do letramento como prática social situada. Conclui-se que a compreensão dos professores sobre essas dimensões impacta diretamente suas ações pedagógicas e a formação das competências leitoras e escritoras dos alunos, reforçando a urgência da formação continuada que contemple tais complexidades. Dessa forma, tais resultados contribuem para o debate sobre a valorização dos saberes docentes no processo de alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização e Letramento, Saberes Docentes, Práticas Alfabetizadoras.

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização e o letramento são processos fundamentais na formação dos indivíduos, bem como na inserção desses sujeitos na cultura letrada. Enquanto a alfabetização se refere à aquisição do código escrito, o letramento expande-se para a utilização competente e crítica da língua escrita nas práticas sociais (Soares, 2003). Conforme destaca Kleiman (1995), o letramento envolve não apenas a decodificação dos símbolos escritos, mas também a capacidade de interpretar, compreender e produzir textos em contextos diversos. A inter-relação entre esses dois conceitos tem sido objeto de inúmeros debates e pesquisas, sobretudo no contexto educacional brasileiro, onde a alfabetização é vista como a base para o desenvolvimento do letramento.

Freire (1987) ressalta que a alfabetização deve ir além da simples memorização de palavras e frases, promovendo a leitura do mundo que precede a leitura da palavra. Nesse sentido, torna-se importante compreender os saberes que emergem dos discursos de professores alfabetizadores sobre esses processos, com fins de melhorar as práticas pedagógicas e os subsídios de formação docente. Por outro lado, segundo Kleiman (2006), o professor é o responsável por inserir os alunos nas práticas de letramento em contexto escolar. Ao entender o professor como um agente de letramento, Kleiman e Matêncio (2005, p. 7) investigam “como os agentes de letramento mobilizam e atualizam seus conhecimentos sobre a escrita, em diversas instituições e segundo diversos objetivos, inclusive o da construção de contextos de aprendizagem da leitura e da escrita”.

Por isso, tais práticas não se restringem à mera decodificação de palavras, mas envolvem a compreensão e a produção de textos em situações reais e significativas, promovendo o desenvolvimento crítico e reflexivo dos alunos. Dessa forma, é essencial compreender como os professores alfabetizadores se posicionam e atuam como agentes de letramento, e como mobilizam seus saberes para criar contextos de aprendizagem que promovam essas habilidades.

Neste contexto, este artigo tem como objetivo analisar os saberes que emergem dos discursos de professores alfabetizadores sobre alfabetização e letramento, com vistas a compreender como esses saberes influenciam suas práticas pedagógicas. Para atingir este objetivo geral, busca-se, especificamente, identificar os principais conceitos de alfabetização e letramento presentes nos discursos dos professores à luz desses conceitos e investigar as influências desses discursos nas práticas pedagógicas dos docentes.

A pergunta-problema que orienta esta pesquisa é: quais saberes sobre alfabetização e letramento emergem dos discursos de professores alfabetizadores e como esses saberes impactam suas práticas pedagógicas? A hipótese que guia esta investigação é que os professores alfabetizadores possuem uma compreensão diversificada e, por vezes, fragmentada dos conceitos de alfabetização e letramento, o que impacta diretamente a efetividade de suas práticas pedagógicas. Pressupõe-se, portanto, que a falta de uma visão consolidada sobre esses processos resulta em abordagens pedagógicas heterogêneas e, muitas vezes, desalinhadas com as necessidades contemporâneas de formação dos estudantes.

A justificativa para este estudo está explícita na importância de aprofundar a compreensão dos saberes docentes, especialmente no que tange à alfabetização e ao letramento, que são etapas inerentes ao processo educativo para inserção de cidadãos na cultura letrada. Dessa forma, entender os discursos dos professores possibilita estabelecer subsídios importantes para a formação inicial e continuada desses profissionais, além de contribuir para a formulação de políticas educacionais mais eficazes.

1.1 ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E SABERES DOCENTES

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira,

porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (Freire, 1987, p. 13).

Ao afirmar que a leitura do mundo está intrínseca ao ser humano antes mesmo da leitura da palavra, Freire (1987) nos revela que a linguagem e os processos de compreensão desse fenômeno estão presentes na vida cotidiana antes mesmo de nos submetermos à escolarização pela alfabetização. Portanto, a leitura do mundo e a leitura da palavra são processos dinâmicos e contínuos importantes para a constituição do sujeito letrado. Compreender as nuances desses fenômenos, todavia, tem sido um dos epicentros do debate dos estudos da linguagem e um processo desafiador na formação de professores e na mediação da alfabetização e do letramento no espaço escolar.

Isso se justifica pois a alfabetização é, nesse direcionamento, um processo complexo, que vai além do simples aprendizado da correspondência entre letras e sons. Nos pressupostos dessa perspectiva e em diálogo com Freire, Ferreiro (2011) critica a visão tradicional de que a criança é uma tábua rasa, na qual se inscrevem letras ou palavras de acordo com um método pré-determinado. Para Ferreiro (2011), a criança não aprende apenas pelo ensino mecânico de decodificação, mas pela interação e construção de seu conhecimento com base em suas experiências de vida. Este olhar sobre o aluno questiona os métodos de ensino tradicionais, reforçando a ideia de que a criança não deve ser tratada como um recipiente vazio a ser preenchido, mas como um sujeito ativo que constrói e reconstrói o seu próprio aprendizado.

Por isso, ainda conforme Ferreiro (2011, p. 10), devemos compreender o “desenvolvimento da leitura e da escrita, do ponto de vista do processo de apropriação de um objeto constituído e não da aquisição de técnicas de transcrição”. No campo da escolarização da alfabetização e do letramento, esse processo considera, portanto, ao alunos como sujeitos da linguagem e que estão inseridos em contextos diversos de linguagem:

O ato de leitura deve ser concebido como um processo de coordenação de informações de procedência diversificada com todos os aspectos inferenciais que isso supõe, e cujo objetivo final é a obtenção de significado expresso linguisticamente (Ferreiro, 2011, p. 66).

Nesse contexto, a pedagogia de alfabetização precisa considerar que o que é “fácil” ou “difícil” não deve ser definido pela perspectiva adulta, mas pela capacidade de compreender o mundo e a língua de cada aluno. A autora defende que os métodos de ensino são apenas sugestões, que devem ser adaptadas ao contexto da sala de aula e às necessidades do aluno. Por outro lado, Soares (2003) confirma essa visão, destacando que durante décadas, a busca por um método único para a alfabetização, seja ele o silábico, o global ou o fônico, prevaleceu nas escolas brasileiras. Contudo, Soares (2018) argumenta que os métodos são uma questão importante, mas não a única. É ilusório supor que métodos de alfabetização atuam isoladamente, sem considerar as influências sociais, culturais e econômicas que afetam a aprendizagem dos alunos.

A alfabetização, portanto, não pode ser vista apenas como um processo de aprendizado técnico de decodificação, mas como um processo que envolve o sujeito e o contexto em que ele está inserido. A visão moderna de alfabetização amplia esse conceito, incorporando uma visão crítica sobre a escrita e leitura, que transcende o tecnicismo e passa a considerar o indivíduo dentro de uma rede de comunicação, que inclui a experiência pessoal e social do aluno. Nesse sentido, quando uma criança entra na escola, ela já traz consigo experiências de leitura e escrita, adquiridas em sua convivência com pais, familiares e colegas, além de um contato prévio com diferentes lugares e gêneros textuais. Isso é perceptível também na concepção de Kleiman (2007), ao argumentar que:

A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Na escola, onde se predomina uma concepção da leitura e da escrita como competências, concebe-se a atividade de ler e de escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal: a do usuário pro-

ficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem (Kleiman, 2005, p.02).

Esta concepção de Kleiman (2005) está relacionada diretamente com o movimento de ampliação da visão da alfabetização que deu origem ao conceito de letramento. De acordo com Soares (2018, p. 36), letramento não se refere apenas ao aprendizado do sistema alfabético e das convenções da escrita, mas à “introdução do indivíduo às práticas sociais da língua escrita”. O letramento, na visão de ambas autoras, envolve assim a compreensão de como a língua escrita circula em diferentes contextos sociais e como o indivíduo pode participar ativamente desses contextos. Esse conceito de letramento, portanto, não está limitado à decodificação de palavras, mas se expande para incluir a capacidade de compreender, produzir e usar textos em diferentes situações comunicativas.

O processo de letramento é intrinsecamente ligado ao de alfabetização, mas não se limita a ele. Kleiman (2005) reforça essa ideia ao afirmar que o letramento inclui a alfabetização, sendo um pré-requisito para que o indivíduo seja considerado letrado. No entanto, a alfabetização, por si só, não é suficiente para garantir que alguém seja letrado. O letramento envolve um uso prático e autônomo da leitura e escrita em situações reais e significativas. A prática de “alfabetizar letrando”, conforme Soares (2018), é a tentativa de integrar o aprendizado da leitura e escrita ao contexto social, em que o aluno se engaja ativamente com diferentes formas de textos e práticas discursivas.

Em suas obras, Soares (2003) e Rojo e Barbosa (2009) reforçam que, além da codificação e decodificação, o ato de ler e escrever envolve habilidades como compreender inferências, interpretar, situar o texto em seu contexto social e estabelecer relações intertextuais. Escrever também envolve a capacidade de codificar, normatizar ortograficamente, textualizar ideias, situar o texto e intertextualizar com outros textos. Essas competências são necessárias para que o aluno se torne capaz de usar a

leitura e escrita de maneira significativa em sua vida social, promovendo seu desenvolvimento crítico e reflexivo.

Contudo, o processo de alfabetização e letramento nas escola está diretamente relacionado à figura do professor. Para Freire (1989), a formação docente deve ser crítica e reflexiva, não se limitando a uma abordagem técnica centrada apenas nos métodos de ensino, mas incorporando uma compreensão profunda das teorias educacionais que fundamentam essas práticas. Tardif (2002), por sua vez, reforça que o professor é um sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, sendo responsável por construir seu saber pedagógico a partir da reflexão crítica sobre sua prática e a interação com os saberes adquiridos ao longo de sua experiência profissional.

A formação continuada dos professores é, portanto, essencial para que possam lidar com a diversidade de contextos e realidades de seus alunos. Maurice Tardif (2002) argumenta que a formação docente deve ser vista como um processo contínuo, no qual os professores não apenas aplicam métodos prescritos, mas também refletem sobre suas práticas, adaptando-as de acordo com as necessidades dos alunos e as características do contexto escolar. Nesse sentido, Freire (1989) também enfatiza a importância da reflexão contínua sobre as práticas pedagógicas, onde o professor é visto não como um simples transmissor de conhecimento, mas como um mediador do aprendizado, capaz de transformar a realidade através de sua prática consciente e crítica.

Em relação aos saberes docentes, é importante destacar que o professor deve ser visto como um sujeito ativo, que constrói sua própria formação a partir de suas experiências e de sua interação com o conhecimento. Segundo Tardif (2002), os professores devem ser capazes de atribuir sentido às práticas pedagógicas que realizam, refletindo sobre elas e ajustando-as conforme as necessidades dos alunos. Freire (1989) complementa essa visão, ao afirmar que o professor deve ser um agente transformador da realidade, utilizando a prática pedagógica para reescre-

ver o mundo, ao mesmo tempo em que constrói o conhecimento de seus alunos, respeitando suas particularidades e contextos.

Nessas perspectivas, a análise das práticas de ensino-aprendizagem em contextos de alfabetização é fundamental para a orientação do trabalho docente. Como Soares (2018) aponta, cada realidade educacional é única, e por isso é preciso considerar as subjetividades dos alunos e as especificidades de cada sala de aula. Não há uma solução universal para os desafios enfrentados pelos professores, mas é possível, por meio da reflexão constante sobre a prática, criar soluções que atendam às necessidades dos alunos e promovam uma aprendizagem efetiva.

A formação de professores, no entanto, não deve se limitar à defesa de uma única perspectiva teórica, mas deve buscar uma compreensão abrangente das realidades educacionais. Isso implica que a formação deve ser uma prática reflexiva, que envolve a análise das experiências dos docentes e o reconhecimento da diversidade dos contextos escolares. Partindo dessa perspectiva, os professores estarão mais preparados para enfrentar os desafios da alfabetização e do letramento, criando ambientes de aprendizagem mais inclusivos e eficazes.

Nesse sentido, a alfabetização e o letramento devem ser entendidos como processos dinâmicos e interdependentes, que exigem a constante adaptação das práticas pedagógicas e a reflexão sobre os saberes docentes. Somente assim será possível garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, que os prepare para participar ativamente da sociedade e para lidar com as exigências do mundo contemporâneo.

2 METODOLOGIA

Metodologicamente, o processo de pesquisa aqui delineado é de cunho qualitativo descritivo-interpretativo. Segundo Ludke e André (2014), a pesquisa qualitativa permite explorar e compreender a complexidade dos fenômenos sociais e educacionais, capturando a riqueza dos dados

em seus contextos naturais. Portanto, a escolha deste tipo de pesquisa se justifica pela necessidade de compreender as percepções, experiências e práticas dos professores alfabetizadores em relação à alfabetização e ao letramento.

Os participantes desta pesquisa foram professores alfabetizadores atuantes em uma escola pública da Rede Municipal de Ensino de Condatado em Pernambuco. Foram selecionados, por meio de amostragem intencional, três professores que atuam no ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano do Ensino Fundamental). A seleção foi baseada em critérios como tempo de experiência na alfabetização, diversidade de formação acadêmica e participação em programas de formação continuada. A escolha por professores de diferentes perfis visou obter uma variedade de discursos e práticas que enriqueçam a análise dos saberes emergentes.

Para entender os saberes que emergem dos discursos de professores alfabetizadores sobre alfabetização e letramento, a coleta de dados partiu de entrevistas semiestruturadas com questões específicas, conforme exposto no quadro abaixo:

Quadro 1: Coleta de dados – entrevista semiestruturada

Pergunta	Objetivo
Como você define alfabetização e letramento? Você vê alguma diferença entre esses dois conceitos? Se sim, qual?	Capturar a compreensão dos professores sobre os conceitos de alfabetização e letramento, explorando como eles percebem e diferenciam esses termos.
Quais são as práticas pedagógicas que você utiliza em sala de aula para promover a alfabetização e o letramento dos seus alunos?	Identificar as estratégias e métodos pedagógicos que os professores aplicam em suas aulas para ensinar leitura e escrita.

Fonte: elaborado pelo próprio autor

As entrevistas foram gravadas, transcritas e a análise dos dados coletados foi realizada utilizando o método interpretativo, à luz das teorias sobre alfabetização e letramento discutidas na sessão anterior. Nesses desdobramentos, buscamos identificar como os professores constroem e expressam significados sobre alfabetização e letramento em seus dis-

curso, considerando as práticas sociais, ideologias e contextos que influenciam essas construções.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já mencionado, participaram da pesquisa 3 professores que atuam no ciclo de alfabetização da Rede Municipal de Ensino de Condado. Os professores participantes atuam especificamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental – 1º, 2º e 3º anos, respectivamente e o contexto de trabalho de cada um deles é bem diversificado e heterogêneo. Apesar de trabalharem na mesma instituição de ensino, possuem turmas diversificadas, com demandas específicas e contextos de ensino-aprendizagem distintos.

Outrossim, tais professores também possuem um histórico de formação e experiência docente bem diversos, conforme exposto no quadro a seguir:

Quadro 2: Perfil profissional e de formação dos docentes entrevistados

Professor	Formação Acadêmica	Participação em programas de formação continuada	Tempo de experiência na alfabetização
A	Magistério / normal médio	Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), cursos de aperfeiçoamento em metodologias de leitura; e cursos de formação continuada ofertados pela Rede Municipal de Ensino.	17 anos
B	Magistério / normal médio e graduação em letras	Formação pela Escola (FPE); e cursos de formação ofertados pela Rede Municipal de Ensino.	11 anos
C	Graduação em pedagogia e especialização em psicopedagogia	Cursos de formação oferecidos pela Rede Municipal de Ensino.	8 anos

Fonte: elaborado pelo próprio autor

O perfil dos professores participantes da pesquisa revela uma diversidade significativa em termos de formação acadêmica e participação em programas de formação continuada, o que pode influenciar diretamente suas práticas pedagógicas. Nessa diversidade de perfis, cabe destacar que, além dos saberes constituídos a partir dos processos formativos formais, os docentes partilham de um saber-experiência, adquirido também na práxis docente durante anos ou mais de década de dedicação à docência.

Tardif (1991) enfoca que a experiência constitui um dos núcleos vitais dos saberes docentes, considerando que o(a)s professor(a)s tentam transformar suas relações de exterioridade com os saberes em relações de interioridade com sua própria prática. Nesse sentido os saberes da experiência não são saberes como os demais, eles são, ao contrário, formados de todos os demais, porém retraduzidos, “polidos” e submetidos às certezas construídas na prática e no vivido. (Tardif, 1991, p. 234)

A integração dos pressupostos que formam os saberes da experiência, conforme discutido por Tardif (1991), pode refletir diretamente na prática alfabetizadora e no entendimento dos professores sobre alfabetização e letramento. Quando os professores aplicam suas vivências e adaptações práticas ao conhecimento teórico, eles desenvolvem abordagens pedagógicas mais contextualizadas e eficazes para suas turmas. No entanto, esse saber da experiência só se integraliza quando teoria e prática andam juntos, num processo de contextualização formativa do professor.

A partir dessa realidade, buscou-se após traçar o perfil formativo dos professores analisar suas compreensões sobre os conceitos de alfabetização e letramento, explorando como eles percebem e diferenciam esses termos. As respostas transcritas, portanto, são evidenciadas no quadro a seguir:

Quadro 3: Compreensão de alfabetização e letramento dos professores alfabetizadores

Como você define alfabetização e letramento? Você vê alguma diferença entre esses dois conceitos? Se sim, qual?	
Professor A	“Para mim, alfabetização é o processo de ensinar as crianças a ler e a escrever, ou seja, a decodificar as letras e formar palavras e frases. Já o letramento vai além disso. Ele envolve a habilidade de usar a leitura e a escrita de forma funcional e significativa no dia a dia. É sobre entender e interpretar textos, saber escrever para diferentes finalidades e contextos. Eu vejo uma diferença clara entre os dois conceitos: enquanto a alfabetização é mais técnica, o letramento é social e cultural, ligado ao uso da linguagem em práticas sociais. No entanto, acho que o letramento por si só já engloba todos esses aspectos sociais e culturais, porque, uma vez que a criança é letrada, ela naturalmente aplicará essas habilidades na sua vida cotidiana.”
Professor B	“Alfabetização é a base, é ensinar as crianças a reconhecerem as letras, entenderem os sons e formarem palavras. Letramento, por outro lado, é o desenvolvimento da capacidade de usar a leitura e a escrita de forma crítica e reflexiva em diferentes situações da vida. Eu vejo a alfabetização como um processo inicial que se complementa com o letramento, que é contínuo e mais abrangente. No letramento, consideramos a leitura e a escrita como práticas sociais, que ajudam os alunos a se comunicarem e a entenderem o mundo ao seu redor.”
Professor C	“Eu vejo alfabetização e letramento como praticamente a mesma coisa. Ambos envolvem ensinar as crianças a ler e a escrever. Para mim, a principal tarefa é garantir que elas saibam reconhecer letras, formar palavras e ler textos. Acho que essa distinção entre alfabetização e letramento é mais uma questão de terminologia acadêmica do que de prática em sala de aula. O importante é que as crianças saiam da escola sabendo ler e escrever corretamente. Não vejo necessidade de separar esses conceitos, pois no dia a dia o que importa é que o aluno desenvolva essas habilidades de leitura e escrita.”

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, com base na transcrição da respostas dos professores alfabetizadores

“Para mim, alfabetização é o processo de ensinar as crianças a ler e a escrever, ou seja, a decodificar as letras e formar palavras e frases. Já o letramento vai além disso. Ele envolve a habilidade de usar a leitura e a escrita de forma funcional e significativa no dia a dia. É sobre entender e interpretar textos, saber escrever para diferentes finalidades e contextos. Eu vejo uma diferença clara entre os dois conceitos: enquanto a alfabetização é mais técnica, o letramento é social e cultural, ligado ao uso da linguagem em práticas sociais. No entanto, acho que o letramento por si só já engloba todos esses aspectos sociais e culturais, porque, uma vez

que a criança é letrada, ela naturalmente aplicará essas habilidades na sua vida cotidiana.”

O professor A, conforme exposto no quadro, possui ampla experiência na rede e está atuando há quase 20 anos, atualmente alfabetizando crianças do 1º ano do Ensino Fundamental I. O docente não possui formação superior e os conhecimentos adquiridos em sua formação inicial emergem do curso de magistério/normal médio, que preparava professores para atuar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O docente alfabetizador possui uma visão ampla dos conceitos investigados. A resposta sobre alfabetização e letramento destaca a distinção entre os dois conceitos, afirmando que “alfabetização é o processo de ensinar as crianças a ler e a escrever, ou seja, a decodificar as letras e formar palavras e frases”, enquanto “o letramento vai além disso” e “envolve a habilidade de usar a leitura e a escrita de forma funcional e significativa no dia a dia”. Essa definição se alinha, em grande parte, com as abordagens teóricas de Soares (2003) e Kleiman (1995), que diferenciam alfabetização como o domínio do sistema de escrita e letramento como o uso social dessa escrita.

Magda Soares (2003) argumenta que a alfabetização é um processo de aquisição da tecnologia da escrita, que inclui aprender a ler e a escrever de forma mecânica e técnica. A autora define letramento como a inserção do sujeito nas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita, ou seja, a capacidade de fazer uso competente e crítico da língua escrita em diferentes contextos sociais. Assim, Soares (2003) enfatiza que a alfabetização é uma etapa dentro do processo mais amplo de letramento, que integra aspectos sociais, culturais e cognitivos. No entanto, conforme enfatiza Kleiman (1995), o letramento não é apenas uma extensão da alfabetização, mas uma prática social complexa que requer habilidades específicas para diferentes contextos de uso da leitura e escrita.

Ao afirmar que “o letramento por si só já engloba todos esses aspectos sociais e culturais”, o professor sugere uma visão de que o letramento

transcende a alfabetização, integrando as dimensões sociais e culturais da escrita. No entanto, há uma incoerência na resposta ao sugerir que “uma vez que a criança é letrada, ela naturalmente aplicará essas habilidades na sua vida cotidiana”, pois essa afirmação pode simplificar a complexidade do processo de alfabetização. O letramento, por si só, não dá conta dos processos de alfabetizar, uma vez que é necessário um ensino sistemático e intencional das habilidades de decodificação e escrita.

Soares (2003, p. 47) corrobora com esse argumento em suas pesquisas ao afirmar que “alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”. Por isso, é fundamental reconhecer que a alfabetização e o letramento são processos complementares e interdependentes. Enquanto a alfabetização proporciona as bases técnicas para a leitura e a escrita, o letramento amplia essas habilidades para contextos sociais, culturais e funcionais. Os professores devem, nessa perspectiva, buscar estratégias pedagógicas que integrem esses dois processos.

Na égide dessa compreensão, a resposta do professor B está alinhada à dimensão teórica de Soares (2003), ao considerar que “alfabetização é a base”, porém o letramento está relacionado a capacidade de desenvolver os usos críticos e sociais da leitura e da escrita “em diferentes situações da vida”. Ao compreender alfabetização e letramento como processos importantes, essenciais e indissociáveis da formação crítica dos alunos, o professor também corrobora com os pressupostos de Soares que evidenciam que:

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (2003, p. 39)

A urgente necessidade de formar sujeitos que respondam “demandas sociais de leitura e escrita” reforçam que o letramento não um processo autônomo, profundamente enraizado em práticas sociais e culturais como também argumenta Street (2014). Nesse segmento, A colocação do Professor C, ao afirmar que “alfabetização e letramento são praticamente a mesma coisa” e que a distinção entre esses conceitos é “mais uma questão de terminologia acadêmica do que de prática em sala de aula”, revela uma compreensão limitada dos processos envolvidos. Essa perspectiva desconsidera as nuances e complexidades que diferenciam a alfabetização do letramento e a importância de ambos na formação dos alunos.

Além disso, ao focar apenas na “leitura e escrita corretas”, o professor C parece subestimar a importância da interpretação crítica e do uso reflexivo da linguagem, que são essenciais para o exercício pleno da cidadania. Kleiman (1995) reforça que o letramento envolve práticas sociais de leitura e escrita, que são necessárias para o aluno compreender e agir sobre as realidades sociais nas quais está inserido. Essa habilidade de usar a linguagem escrita para navegar em diferentes contextos e para expressar e construir sentidos sobre o mundo é fundamental para a formação de indivíduos críticos e participativos.

Essa visão é expressa também pelos argumentos de Rojo (2009) que, por sua vez, também enfatiza a natureza social e cultural do letramento. A autora discute a importância de considerar os letramentos múltiplos e as diversas formas pelas quais as pessoas interagem com textos no cotidiano. Dessa forma, argumenta que a educação deve promover o desenvolvimento dessas múltiplas competências, preparando os alunos para a diversidade de práticas letradas que encontrarão fora do ambiente escolar, pois

[o] conceito de letramentos múltiplos é ainda um conceito complexo e muitas vezes ambíguo, pois envolve, além da questão da multissêmios e ou multimodalidade das mídias digitais que lhe deu origem, pelo menos duas facetas: a multiplicidade de práticas de letramento que circulam em diferentes

esferas da sociedade e a multiculturalidade, isto é, o fato de que diferentes culturas locais vivem essas práticas de maneira diferente (ROJO, 2009, p. 108-109).

Por isso, a escola não deve apenas ensinar a ler e escrever de maneira técnica, mas também deve proporcionar aos alunos as ferramentas para compreender e participar de práticas letradas diversificadas, respeitando as especificidades culturais e sociais de cada contexto. Nesses desdobramentos, buscamos compreender como essas concepções implicam nas práticas pedagógicas desses professores. Dessa forma, questionou-se, conforme o quadro a seguir, quais práticas pedagógicas esses professores utilizam para promover a alfabetização e o letramento:

Quadro 4: Alfabetização e letramento nas práticas pedagógicas dos professores

Quais são as práticas pedagógicas que você utiliza em sala de aula para promover a alfabetização e o letramento dos seus alunos?	
Professor A	“Para promover a alfabetização e o letramento em sala de aula, eu foco inicialmente no processo técnico de ensinar as crianças a ler e escrever, com ênfase na decodificação de letras e palavras. Utilizo muitas atividades de reconhecimento de letras, formação de palavras e frases, além de práticas que ajudem as crianças a compreenderem a relação entre sons e grafias. Para o letramento, acredito que a leitura e a escrita devem ser inseridas em práticas sociais do cotidiano. Então, costumo trabalhar com textos que representem diferentes contextos e que mostrem como usamos a linguagem na vida real, como bilhetes, listas e pequenas histórias. Também incentivo as crianças a escreverem para diferentes finalidades, como se estivessem realmente usando a escrita em seu dia a dia, de forma funcional e significativa.”
Professor B	“Em sala de aula, procuro iniciar o processo com atividades que ajudem as crianças a reconhecerem as letras e os sons, e a formarem palavras. No entanto, o meu foco vai além disso. Quando falo de letramento, estou me referindo ao desenvolvimento da capacidade de usar a leitura e a escrita de forma crítica e reflexiva. Então, após a fase inicial de alfabetização, introduzo práticas que envolvem a leitura de textos mais complexos e atividades que estimulem a interpretação e a reflexão. Por exemplo, lemos histórias e discutimos o que elas querem nos transmitir, além de produzir textos de forma livre, como pequenos relatos ou resumos. Acredito que, para o letramento, é importante que as crianças vejam a leitura e a escrita como ferramentas para compreender o mundo e para se expressarem de forma significativa nas diversas situações sociais em que vivem.”

Quais são as práticas pedagógicas que você utiliza em sala de aula para promover a alfabetização e o letramento dos seus alunos?**Professor
C**

“minhas práticas são mais focadas em garantir que as crianças aprendam a reconhecer as letras, formar palavras e ler textos. Trabalho bastante com exercícios práticos de leitura e escrita, como leitura em voz alta, fichas de palavras e atividades de escrita de palavras e frases. Para mim, o mais importante é que as crianças saibam ler e escrever corretamente. Embora eu veja o letramento como algo relacionado à prática diária de leitura e escrita, acredito que esse processo acontece naturalmente à medida que os alunos se alfabetizam. Por isso, me concentro nas habilidades básicas de leitura e escrita, e acredito que, ao dominá-las, os alunos serão capazes de aplicar essas habilidades no cotidiano.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na resposta dos professores.

A prática pedagógica sugerida pelo Professor A, é baseada na realização de tarefas de decodificação de textos e palavras, com um foco no uso funcional da escrita, como ler e escrever listas, rótulos e outros textos de uso diário. Essas atividades, embora úteis, são um reflexo do que Soares (2003) chama de alfabetização, mais técnica e inicial, mas carecem de um aprofundamento no letramento como prática social e cultural. Kleiman (1995) e Rojo (2009) argumentam que o letramento envolve um engajamento crítico e reflexivo com a leitura e a escrita, por meio de práticas que envolvem interpretação de textos, produção escrita para diferentes finalidades e contextos, algo que não parece ser central nas atividades do Professor A. Nesse sentido, as atividades dele poderiam ser enriquecidas com uma abordagem mais crítica e reflexiva, que envolvesse a leitura e a escrita como formas de ação social e cultural.

O Professor B adota uma visão mais ampla e integrada, considerando a alfabetização como um processo inicial que se complementa com o letramento. Suas atividades pedagógicas, começam com a introdução das letras, sons e palavras, mas se estendem para práticas de leitura e escrita que envolvem os alunos de maneira mais ativa e reflexiva. O Professor B enfatiza a importância da leitura e da escrita como práticas sociais, o que sugere que suas atividades incluem, além de exercícios de decodificação, atividades de leitura de textos variados, como histórias, notícias e textos informativos, e produções escritas que envolvem a criação de textos para

diferentes finalidades (como cartas, bilhetes ou textos explicativos). Essas atividades refletem bem a concepção de Kleiman (1995) de que o letramento envolve o uso da leitura e da escrita em contextos diversos, de forma crítica e reflexiva. Também se alinham com a visão de Rojo (2009), que destaca a importância de considerar a multiplicidade de práticas de letramento e como elas são utilizadas nas diferentes esferas sociais.

Por outro lado, o Professor C, que vê a alfabetização e o letramento como práticas essencialmente idênticas, foca nas habilidades técnicas de leitura e escrita. Suas atividades pedagógicas se concentram em tarefas mais mecânicas de reconhecimento de letras e palavras, e na leitura de textos simples. Embora esses exercícios de reconhecimento sejam necessários em um primeiro momento, eles se limitam a uma abordagem técnica da alfabetização e não levam em consideração a dimensão crítica e social do letramento. Street (2003) argumenta que os letramentos não devem ser vistos apenas como habilidades técnicas, mas como práticas sociais e culturais que são desenvolvidas em contextos sociais específicos. Nesse sentido, as atividades do Professor C poderiam ser ampliadas para incluir a leitura e produção de textos que envolvam reflexão, análise crítica e discussão sobre diferentes contextos, visando desenvolver uma maior compreensão das funções sociais da leitura e da escrita.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados evidenciados pela análise dos dados coletados na entrevista com os professores alfabetizadores revelam uma diversidade de abordagens sobre os conceitos de alfabetização e letramento, bem como sobre as estratégias adotadas para promover o desenvolvimento dessas habilidades nas crianças. Portanto, respondem satisfatoriamente à hipótese elencada na pesquisa ao afirmarmos que *professores alfabetizadores possuem uma compreensão diversificada e, por vezes, fragmentada dos conceitos de alfabetização e letramento, o que impacta diretamente a efetividade de suas práticas pedagógicas.*

A partir das entrevistas, observamos que, apesar de compartilharem algumas semelhanças, as compreensões dos professores sobre alfabetização e letramento são distintas. O Professor A enfatiza a alfabetização como uma prática técnica e inicial, focando em atividades de decodificação, mas reconhece a importância do letramento no uso funcional da leitura e escrita em contextos cotidianos. O Professor B, por sua vez, adota uma perspectiva mais integrada, considerando a alfabetização como um ponto de partida para o letramento, que envolve práticas reflexivas e críticas. Já o Professor C, com uma visão mais simplificada, vê os dois conceitos como praticamente equivalentes, o que se reflete em suas práticas pedagógicas, centradas em habilidades mecânicas de leitura e escrita.

Essas diferenças nas concepções influenciam diretamente as estratégias pedagógicas adotadas em sala de aula. O Professor A, embora envolva os alunos em atividades funcionais, poderia ampliar suas práticas para incluir abordagens mais críticas e sociais, como sugerem as teorias de Soares (2003) e Kleiman (1995). O Professor B, com uma abordagem mais equilibrada, promove práticas que engajam os alunos em um uso mais reflexivo da linguagem escrita, alinhando-se aos pressupostos de Rojo (2009) e Street (2003). Já o Professor C, com um enfoque restrito, poderia enriquecer suas práticas, incorporando atividades que explorassem a dimensão social e crítica do letramento, essencial para a formação de cidadãos críticos e participativos.

Portanto, esta investigação contribui significativamente para os estudos de alfabetização e letramento ao destacar a diversidade de concepções presentes nas práticas pedagógicas dos professores alfabetizadores, evidenciando como essas diferentes compreensões influenciam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nas crianças. Os resultados obtidos revelam que, embora haja um consenso sobre a importância de ambos os conceitos, suas interpretações e aplicações pedagógicas ainda são fragmentadas, o que limita a potencialidade das práticas educacionais.

A partir disso, surgem lacunas que demandam novas investigações, especialmente no que diz respeito à formação continuada dos professores e ao impacto de abordagens mais integradas entre alfabetização e letramento. Futuros estudos devem explorar como práticas pedagógicas que conciliam aspectos técnicos e críticos desses conceitos podem ser sistematizadas e implementadas de forma mais eficaz, além de investigar o papel das políticas públicas na promoção de uma compreensão mais aprofundada e articulada desses processos.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

KLEIMAN, Ângela (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela; MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Letramento e formação do professor**: práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005.

KLEIMAN, Angela. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: ROJO, Roxane (org.). A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2ª edição. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014

ROJO, Roxane; BARBOSA, Maria Lúcia. **Letramento e alfabetismo**: questões contemporâneas. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola. Editorial, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento:** A natureza do letramento e o ensino da leitura e escrita. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

STREET, B. V. **Letramentos sociais:** abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TARDIF, M.; LESSARD & LAHAYE. **Os professores face ao saber:** Esboço de uma problemática do saber docente. Teoria & Educação nº 4, Porto Alegre: Pannônica, 1991.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.